

A paisagem sul mato-grossense sob a perspectiva de Taunay

Prof. Dr. Norma Wimmer¹ (UNESP)

RESUMO

Neste texto pretende-se comparar dois tipos de linguagem empregados pelo Visconde de Taunay para representar o interior do Brasil, notadamente a região de Mato Grosso do Sul. Pretende-se também demonstrar o caráter europeizante destas representações.

Palavras-chave : Visconde de Taunay, descrição, desenho.

Alfredo d'Escagnolle Taunay foi descendente de Nicolas Antoine Taunay, integrante do grupo de artistas franceses que fundaram, em 1816 a Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro . Aos conceitos estéticos e conhecimentos artísticos de origem européia, notadamente francesa, divulgados pelos acadêmicos, o Visconde remete sua compreensão do desenho e da pintura assim como a sensibilidade artística manifesta em sua obra.

Alferes-aluno da Escola Militar da Praia Vermelha, Taunay foi convocado para participar da guerra contra o Paraguai(1864-1870) em dois momentos: a partir de 1865, até 1867, junto às forças expedicionárias de mato Grosso, como redator do Relatório Geral da Comissão de Engenheiros, que deveria ser enviado mensalmente à Corte. A responsabilidade desta comissão era a de :”estudar o rumo das estradas a percorrer, as direções das montanhas, (...) fazer observações mineralógicas e botânicas, (...) oferecer indicações sobre a corrente de águas.”(TAUNAY,s/d,p8). Depois, de 1869 a 1870, a serviço do Estado maior do Marechal do exército Conde d’Eu, na frente Ocidental, Taunay teve a especial incumbência de redigir o diário do exército.

A desastrosa experiência tática da invasão do território paraguaio através da região de Mato Grosso do Sul possibilitou ao então engenheiro militar observar os habitantes e os costumes de regiões pouquíssimo conhecidas do Império e foi determinante para o efeito de realismo dos textos do futuro literato, notadamente para os de caráter regional. No entanto, contrariamente ao que possa parecer à primeira vista, este efeito de realismo não impede que, nelas, marcas da formação à francesa do autor acabem transparecendo

Muitas vezes, Taunay traduz a natureza observada por meio de rigorosa nomenclatura científica ; a tendência classificatória à maneira de Lineu, adotada principalmente nas observações botânicas , por exemplo, constitui uma das manifestações deste tipo de linguagem. Ao rigoroso relator do pormenor contrapõe-se o sensível paisagista impressionado pelas paisagens que lhe são desvendadas. No entanto, também este posiciona-se de modo semelhante ao “descobridor”fiel aos princípios estéticos vigentes e portando-se de certa forma, como o intérprete civilizado da natureza selvagem. Significativa, neste sentido, é a constatação das *Memórias*: “Com a educação artística que recebera de meu pai(...) era eu o único dentre os companheiros, e portanto de toda a força expedicionária, que ia olhando para os encantos dos grandes quadros naturais e lhes dando o devido apreço” (TAUNAY,s/d,p.131)

Significativa também é a postura adotada em relação ao índio, segundo Taunay quase sempre inconsciente das belezas naturais que o cercam. Considerando a compreensão estética própria ao homem civilizado, único portanto, capaz de assimilar a beleza natural e de transmiti-la, o escritor acaba por assumir a atitude do colonizador que, diante de dados de realidade dessemelhantes daqueles que lhe são habituais , inclina-se a acentuar, de maneira negativa, o diferente. Neste sentido, Taunay opõe-se a autores como Alencar ou Gonçalves Dias , os quais , de modo oposto e

¹ Norma Wimmer, Professora Doutora. Universidade Estadual paulista (UNESP), *Campus* de S.J.Rio Preto. E-mail:

por razões ideológicas, tendiam a transferir ao índio valores “civilizados”, integrando-os, por esta razão, a sua própria cultura. Em *A Retirada de Laguna* por exemplo, referindo-se à beleza de Campo Belo, o narrador considera que o sentimento da admiração parece ser o apanágio dos povos civilizados; sua manifestação, pelo menos exterior é bastante rara entre os homens primitivos.” (TAUNAY, s/d, p.13).

Este ponto de vista persiste ainda durante muitos anos, por ocasião da redação das *Memórias* : recordando a permanência nos Morros, o contato com os índios e o idílio com a índia Antonia, o memorialista rejeita a idealização romântica da vida selvagem e, trilhando pelo sentimento muito europeu de rejeição do primitivo afirma “ter experimentado, ali, na prática, das idéias e teses de Jean-Jacques Rousseau, a doçura da vida não civilizada e o contato do homem bom de índole, mas inculto e agreste” (TAUNAY, s/d.p.186)

Da formação militar oferece testemunho o próprio autor que, ainda em suas *Memórias* recorda os estudos na escola militar e as atividades de alferes-aluno. Ali também, encontraremos traços de influências francesas. Maria Beatriz Nizza da Silva, (1974) em seu artigo sobre a transmissão , conservação e difusão da cultura no Rio de Janeiro no período compreendido entre 1808 e 1821 acentua a importância das academias militares que contribuíram para a formação das elites do século passado, constituídas, segundo ela, por nobres, empregados públicos, alguns comerciantes e militares. O ensino de línguas estrangeiras vivas – inglês, francês, alemão – assim como o de várias outras disciplinas ali era proposto e, grande parte delas, apoiado em vasta bibliografia francesa. Ainda que os estudos da autora se refiram aos anos que precederam a independência política, supõe-se que, além de oferecerem certa cristalização do saber, as academias militares não tenham modificado radicalmente seus currículos; parece também possível que os manuais empregados antes de 1822 tivessem deixado vestígios na formação dos alunos. Julga-se ainda que apesar da importância atribuída à elaboração de “compêndios” pelos professores – (condição para que estes pudessem receber recompensas e subir de posto) – os manuais estrangeiros não tivessem sido sumariamente substituídos por aqueles redigidos pelos docentes da Instituição, principalmente se levarmos em conta as condições de produção e de impressão na primeira metade do século XIX, assim como o intuito que tinham as instituições de ensino em geral, de equiparar o saber por elas divulgado ao europeu.

Sob uma outra perspectiva, mas acentuando a importância do pensamento francês, Wilson Martins discorre sobre o espírito comtista reinante na Academia Militar, principalmente no tocante à filosofia da matemática e nas ciências físicas . A partir de 1865 a Academia Militar passaria a ter função histórico-social relevante, a ela remetendo as origens do movimento republicano.

Ainda no tocante à travessia dos sertões, Taunay acabou seguindo, ideologicamente, os passos dos viajantes europeus, imaginado colecionar minerais preciosos, descobrir alguma espécie de planta ainda não estudada e classificá-la. Como eles, no Coxim, dedicou seu tempo vago à coleção de flores características da região, a sua secagem e desenho. Alusões às pesquisas de viajantes como Phol, Spix, Martius, Saint-Hilaire, Agassiz, Burton, Léry- são freqüentes em alguns textos como, por exemplo, *A marcha das forças* ou *Cenas de viagem* – freqüentes são também alusões ao entusiasmo neles despertado pela vasta paisagem tropical.

Taunay chegou a produzir também, durante a campanha, um *Álbum de vistas*, oferecido por seu pai, ainda no Rio de Janeiro e que ele deveria usar para desenhar as melhores vistas e paisagens que fosse encontrando no longo percurso. Além do *Álbum de vistas*, menciona-se também um *Álbum pitoresco*, parte de *Viagem pitoresca ao Mato Grosso*. Os desenhos eram, em geral, feitos a lápis, havendo alguns feitos à pena e algumas aquarelas.

A maior parte deste material foi destruído, não resistindo às chuvas e ao barro.

Outra chegou quase intacta ao Rio de Janeiro e vem sendo reproduzida nas diversas edições dos textos do autor. No entanto, desconhece-se o paradeiro de alguns desenhos atualmente

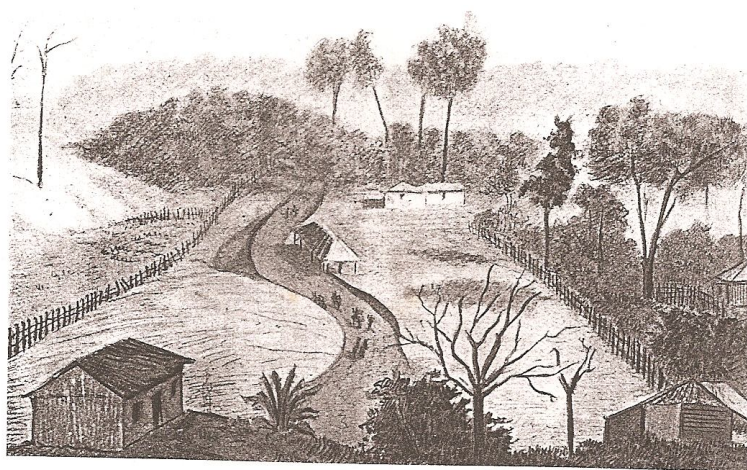
esquecidos ; exibidos em exposição de objetos referentes à Guerra do Paraguai, realizada a pedido de Dom Pedro II pouco tempo após o fim do conflito,não puderam mais ser localizados.

Nas *Memórias* o Visconde menciona a reprodução do Pouso do Catingueiro, pelo qual teria passado em julho de 1865,visto do Rio Grande e do Rio Parnaíba, além de paisagens de Goiás. Do Pouso do Catingueiro podemos confrontar a vista desenhada e sua descrição, literária em modos diversos de apreender a paisagem.

Recordando a curta permanência no local, Taunay julga ter-lhe reproduzido a imagem com bastante êxito e fidelidade, descrevendo-o como paisagem característica do interior

do Brasil, “

com sua faixa vermelha – a estrada geral que se desenrola indefinida até os pontos mais extremos da nossa fronteira, estrada cercada ali de pastos de capim “melado” ou “gordura”, com casinhas e ranchos, aqui e acolá; dos lados, uma mata virgem a meio devastada pelo fogo e na frente “capoeirões” e “cerrados”, onde todos os anos, em setembro e outubro, lavra o incêndio.”(TAUNAY, s/d.p.155)



Pouso do Catingueiro, São Paulo — 4 de Julho de 1865
Desenho do autor

No desenho (supostamente realizado a lápis) não ocorre a representação de cores. No centro, a estrada parece terminar junto aos capoeirões e cerrados “sempre queimados em setembro e outubro”; parece possível que as figuras de viajantes tenham o objetivo de indicar movimento, e, conseqüentemente de distância. Da mata virgem “a meio devastada” pelo incêndio, notam-se apenas duas árvores. Assim, no desenho, o fogo acaba sendo praticamente apenas sugerido. A maior incidência de luz sobre os pastos de capim,as casinhas e ranchos evidenciada no desenho, não é mencionada no texto que acaba,contraditoriamente, sugerindo maior precisão em decorrência da alusão às cores, à caracterização do capim e ao emprego e graduação de adjetivos e advérbios. Por outro lado, a apreensão total demandada pelas artes plásticas parece menos propícia para a sugestão de movimento.

Os buritis atraíram muito a atenção de Taunay que muito lhes admirava a beleza; deles ocorrem várias descrições. Como ponto de partida sua descrição de caráter científico em, *A marcha das forças*.

A folhagem verde escura da mauritia abre-se como um leque, sustentado por longos pecíolos alveolados e no topo de um estípite liso e pardacento claro, no qual se notam traços paralelos formados pela queda das voltas semi-amplexicaules da base dos pecíolos. Ao lado daquela formosa monocotiledônea, a macaubeira

(acrocomia sclerocarpa) parece acanhada e fica completamente ofuscada.
(TAUNAY s/d, p.121)

Em *Inocência*, mesmo tendo em vista o lirismo do romance, permanece ainda muito da linguagem científica na descrição dos buritis :

O estípite liso, pardacento, sem manchas mais que pontuadas estrias, sustenta denso feixe de pecíolos longos e canulados, em que assentam flabelas abertas como um leque, cujas pontas se acurvam flexíveis e tremulantes. Na base e em torno da coma, pendem, amparados por largas espatas, densos cachos de cocos tão duros, que a casca luzidia, revestida de escamas ramboidais e de um amarelo alaranjado, desafia por algum tempo, o férreo bico das araras. (TAUNAY,1988,p. 12)



Buritis (Mauritia Vinifera) à margem do rio de Santa Barbara — 4 de Outubro de 1865
Desenho do autor

Retomada nas *Memórias* , a descrição dos buritis sofre modificações, o caráter científico cedendo lugar às lembranças:

“Difícil, se não impossível é ver-se coisa mais elegante, harmoniosa no todo, esbelta, airosa ao mesmo tempo que solene e melancólica do que esta monocotiledônea, cuja abundância, em certas zonas , se torna positivamente estupenda.” (TAUNAY, s/d.p.279)

O desenho que corresponde às descrições está inserido na edição de *A marcha das forças* e acaba sendo bem menos detalhado do que elas. Trata-se de um recorte em que as três árvores aparecem em posição de destaque em um trecho de paisagem limitado por arbustos.

A comparação entre a representação pictórica e as três representações verbais dos buritis, evidencia, novamente, certo descompasso. A apreensão global suscitada pelo desenho contrapõe-se à apreensão linear demandada pela descrição verbal. Novamente a enumeração de detalhes (excessiva, no que diz respeito ao discurso científico dos dois primeiros trechos) dilui-se no desenho, o que acaba evidenciando o grande domínio do jovem Taunay sobre o discurso científico e sua gradativa supressão até as *Memórias*. Por outro lado, a comparação notadamente aquela tomada ao texto memorial, revela o efeito da adjetivação empregada pelo autor.

Também nas *Memórias*, Taunay faz alusão à página do *Álbum* em que desenhara vários tipos de peixes: surubis, traíras, pacus, piranhas – detendo-se mais adiante sobre as pirapitangas, assim

como ao desenho de uma **acanthacea** “flor com belíssima corola, grande e muito alva, labéolo um tanto saliente, didinamias, estigma bilobado, ovário sobre disco hipogíneo.” (TAUNAY, s/d .p155) Neste caso não foi possível obter a gravura, mas fica novamente claro o apego ao cientificismo.

Taunay reproduziu a variedade da natureza do interior do país com o entusiasmo semelhante ao dos viajantes cientistas. Como eles, detectou e apontou, em modos diversos de representação, o observado; como eles sugeriu a importância do olhar europeu, da compreensão “européia” daquilo que lhe era desconhecido apontando, a seu ver, a maneira “correta” de interpretar o Brasil

Referências Bibliográficas:

- [1] ACHUGAR, H. **Planetas sem boca**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- [2] SILVA, M.B.N. **Transmissão, conservação e difusão da cultura no Rio de Janeiro(1808-1821)**. Aulas, colégios e academias in Revista de História nº. 97, 1974.
- [3] TAUNAY, A.E. **Inocência**. São Paulo: Ática, 1988.
- [4] — **A marcha das forças**. São Paulo : Melhoramentos, s/d.
- [5] — **A Retirada da laguna**. São Paulo : Melhoramentos, s/d.
- [6] — **Cenas de viagem**. São Paulo : Irmãos Marrano, 1923
- [7] — **De Campo Grande a Aquidaban**. São Paulo : Melhoramentos, s/d.
- [8] ---- **La retraite de Laguna**. Tours, E. Arrault, 1913.
- [9] — **Memórias**. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- [10] — **Paisagens brasileiras**. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- [11] — **Recordações de guerra e de viagem**. São Paulo : Melhoramentos, 1924
- [12] — **Reminiscências**. São Paulo : Melhoramentos, 1923.
- [13] — **Visões do Sertão** . São Paulo : Oficinas Gráficas Monteiro Lobato, 1923